

O tempo da memória e do esquecimento

Maria Esther Mihich¹

RESUMO: Neste trabalho, propõe-se uma reflexão sobre o constructo de tempo, sua relação com a memória e com o binômio esquecimento e lembrança a partir de uma abordagem psicanalítica. Sabemos que essas questões dizem respeito a, praticamente, todo o corpo teórico da psicanálise e não é nosso objetivo cobri-lo, pois, além de ser uma tarefa muito ambiciosa, ela ultrapassaria o escopo deste trabalho. Nossa proposta, portanto, é fazer um recorte desses conceitos e conceder maior atenção à questão de que, para a teoria e prática psicanalíticas, grosso modo, e para a constituição do sujeito, em particular, não é apenas importante o que lembramos. É fundamental o que esquecemos.

PALAVRAS-CHAVE: memória; esquecimento; tempo; psicanálise.

*“Sob a história, a memória e o esquecimento
Sob a memória e o esquecimento, a vida
Mas escrever a vida é outra história”*

Ricoeur

*“O tempo é a substância da qual sou feito.
O tempo é um rio que me leva, mas eu sou o tempo;
É um tigre que me rasga, mas eu sou o tigre;
É um fogo que me consome, mas eu sou o fogo.”*

Jorge Luis Borges

1. Membro Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

Introdução

As diversas formas de registro da memória, desde as mais organizadas até às traumáticas, não representadas, assim como as diferentes temporalidades nas quais habitamos – tempos cronológicos, tempos descontínuos, a temporalidade proferida por Aion, tempo do acontecimento, tempo de decisão, não esquecendo da vigência atemporal do inconsciente e da (re)significação produzida pelo tempo do *après-coup* –, todos fazem parte de nossa história e, portanto, da constituição da nossa subjetividade.

Conta-nos o mito de Cronos que ele usurpou o poder de seu pai, casou-se com a irmã Reia e governou durante a Idade Dourada da mitologia. Seu poder perdurou até ser derrubado pelos filhos Zeus, Poseidon e Hades. Cronos, considerado como a personificação do tempo, era filho de Urano (Céu) e Gaia (Terra) e o mais jovem da primeira geração de titãs. Ele temia uma profecia, segundo a qual seria tirado do poder por um de seus filhos. Sendo ele de temperamento violento e negativo, passou a matar e devorar todos os filhos gerados com Reia. Porém, a mãe conseguiu salvar um deles, Zeus, escondendo-o numa caverna da ilha de Creta. Para enganar Cronos, Reia deu a ele uma pedra embrulhada num pano, que ele comeu sem perceber o que era. Ao crescer, Zeus libertou os titãs e, com a ajuda deles, fez seu pai, Cronos, vomitar os irmãos (Hades, Hera, Héstia, Poseidon e Deméter). Em seguida, juntamente com os irmãos e os titãs, Zeus expulsou Cronos do Olimpo e governou como o rei dos deuses gregos. Como tinha derrotado o pai Cronos, que simbolizava o tempo, Zeus tornou-se imortal, poder estendido também aos irmãos.

Passado um tempo, Zeus conhece Mnemosine, deusa da lembrança e da memória, sente-se atraído pelo seu exímio talento de contadora de histórias. Ela também se apaixona por Zeus e o seduz por nove dias consecutivos. Meses depois, Mnemosine dará à luz às nove musas, também conhecidas como Filhas da Memória, as quais nasceram para serem as protetoras das artes, das ciências e das letras.

Conta-nos esse mito que Mnemosine descobriu o poder da memória, nomeou vários objetos e criou conceitos para que os mortais conversassem sem brigar e pudessem se entender. Por isso, ela é também considerada como aquela que tudo sabe e tudo lembra, sendo a criadora da linguagem.

A importância da deusa Mnemosine era tamanha para os gregos que, na Teogonia de Hesíodo (sobre a origem dos deuses), a imortal é não só citada, como seu nome está ligado ao termo grego *mimnéskein*, que significa “se lembrar”. Mnemosine nos impede de esquecer quem somos, de onde viemos,

além de nos ajudar com sua arte de contar histórias a sabermos onde e como queremos chegar. Ela era a personificação da memória para os gregos, enquanto Lethe era o espírito do esquecimento, que opera as engrenagens do esquecimento e da lembrança. Ambas estão associadas a rios antagônicos. Os mortos que bebessem da água do poço de Mnemosine relembavam sua vida, pois ela lhes outorgava uma memória total; enquanto que as águas do poço de Lethe – que passavam pela caverna de Hypnos, personificação do sonho – produziam o esquecimento absoluto. Assim, os gregos saudavam Mnemosine como benfeitora e invocavam seus favores. Quanto à Lethe, era evitada, e os mortos deviam beber de suas águas para esquecer sua vida pregressa, requisito necessário para a reencarnação.

A narrativa mitológica desses dois deuses, Cronos e Mnemosine, que não por acaso acabam por se juntar, reafirma a ideia de que memória e tempo estão entrelaçados e caminham juntos. A nossa percepção de tempo se dá através da nossa memória.

Santo Agostinho (2004) ressalta a relação da memória com o tempo ao mencionar o quanto ela torna aparente uma das formas basilares da nossa existência, que é a relação com o tempo. O teólogo diz ainda que o passado não existe mais, o futuro ainda não chegou e o presente se torna pretérito a cada instante. De modo que o que seria próprio do tempo seria o não ser. Assim, o tempo passado só existe por força da minha memória no tempo presente.

Tempo

Os babilônios, povo que viveu *circa* 1950 a.C. na Mesopotâmia, foram os primeiros a marcar a passagem do tempo. Ao construir o relógio do sol, eles dividiram o dia em 12 partes e, depois, em 24, formato horário que usamos até hoje.

Ainda na pré-história, a necessidade de contar o tempo surgiu para atender a questões de sobrevivência, como compreender o período entre o cultivo e a colheita, ou até mesmo para marcar o momento em que o sol vai se pôr. Pode-se dizer que tal necessidade continua existindo até os dias de hoje. Nossos afazeres, o lazer, o trabalho e o sono estão atrelados à contagem do tempo para cada uma dessas atividades. Apesar de a dimensão temporal estar implicada de todas as formas em nossas vidas, contudo, definir o que é tempo consiste numa tarefa complexa e arduosa. No século V, em seu livro *Confissões*, Santo Agostinho (2004) comentou que ele sabia muito bem o que o tempo era – até que alguém perguntasse.

O conceito de tempo atravessa praticamente todos os saberes – populares, míticos e o das ciências de modo geral. Há, portanto, diferentes formas de se pensar sobre o tempo. Sabemos que as tentativas de se querer dar um sentido único para o tempo fracassaram diante da dificuldade de traduzi-lo pela sua mensurabilidade. Talvez mais importante do que ter uma definição fechada do que seria o tempo, seja pensarmos para além da dimensão física e temporal, a saber, entender que o tempo tem um sentido psicológico e subjetivo, na medida em que cada indivíduo vai lidar com o tempo a partir de sua singularidade e da sua própria experiência emocional. A singularidade e o dinamismo de nossas psiques impossibilitam colocar os acontecimentos de nossas vidas em formatos estanques.

Freud nunca teve a intenção de formular um conceito do tempo. No entanto, o tempo está presente em toda sua teoria e é sobre o eixo do tempo que se pode pensar em memória, em transmissão, em repetição, em elaboração, em pulsão, dentre outros.

Em “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental”, Freud (1911/1969) vai expor o diferencial entre os princípios reguladores do aparelho psíquico: o princípio do prazer e o princípio da realidade. O primeiro é regido pelos processos primários, ou seja, os mais “antigos”, resíduos de uma fase do desenvolvimento em que eram o único processo mental, e o segundo, pelos processos mentais secundários. Do ponto de vista tópico: o processo primário caracteriza o sistema inconsciente e o processo secundário caracteriza o sistema pré-consciente-consciente (Laplanche & Pontalis, 1967).

Ainda nesse trabalho, Freud (1911/1969) ressalta que o estabelecimento do princípio da realidade foi um movimento valioso. A crescente relevância da realidade externa enalteceu a importância dos órgãos sensoriais, que são direcionados para o mundo externo, e da consciência a eles associados. Sendo assim,

instituiu-se uma função especial, que periodicamente deveria pesquisar o mundo externo, a fim de que seus dados já pudessem ser conhecidos se uma necessidade interna surgisse; a função da atenção. Sua atividade vai encontrar as impressões sensoriais a meio caminho, ao invés de esperar pelo seu aparecimento. Ao mesmo tempo, provavelmente, foi introduzido um sistema de notação, cuja tarefa era assentar os resultados desta atividade periódica da consciência uma parte do que chamamos memória. (Freud, 1911/1969, p. 280)

Agora, sugiro pensarmos a seguinte questão: há, em alguma instância da psique, uma representação própria para tempo?

Como vimos, o que podemos considerar é que há um construto conceitual de grande complexidade, vinculado inclusive aos diversos modos de funcionamento das tópicas. Do ponto de vista metapsicológico, lidamos com instâncias regidas por diferentes modos de funcionamento: o funcionamento inconsciente, que opera com as representações mentais, segundo o processo primário; e o funcionamento consciente, o qual opera com as representações, segundo o processo secundário. Portanto, na clínica, vamos lidar com, pelo menos, dois modos de experiência temporal: a atemporalidade inconsciente e o tempo cronológico.

Gondar (1996) lembra que a construção das tópicas do aparelho psíquico não corresponde a uma espacialização, mas a uma distinção de lugares que não se baseia em localização, mas em modos de funcionamento. Dessa forma, o princípio de realidade, característico do sistema consciente, baseia-se no reconhecimento dos paradoxos e da causalidade. Ambos se relacionam e dependem diretamente do conceito de tempo para a própria existência, sobretudo a causalidade, a qual implica ver a causa sempre antes do efeito, uma relação, portanto, puramente temporal. Já o princípio do prazer, característico do sistema inconsciente, não reconhece causalidade, paradoxo ou morte. Sabemos que o sonho foi, para Freud, o caminho, por excelência, para a descoberta do inconsciente e, a partir de seu estudo, ele vai revelar o valor dinâmico dessa “estrada real”, como ele assim o chamou.

Segundo Laplanche & Pontalis (1967),

inconsciente, no sentido tópico, designa um dos sistemas definidos por Freud no quadro de sua primeira teoria do aparelho psíquico. É constituído de conteúdos recalçados, os quais não podem ter acesso ao sistema pré-consciente-consciente. Estes conteúdos são regidos pelos mecanismos específicos do processo primário, nomeadamente a condensação e o deslocamento. (p. 306)

O sistema inconsciente apresenta como características: ausência de negação, de dúvida, de grau de certeza e, como mencionado acima, é atemporal – o que se deve ao fato de que, no inconsciente, não há nada que possa corresponder à ideia de tempo, tal como concebido no sistema consciente.

Todos esses aspectos apontam para uma não linearidade do tempo, o que nos leva a um exame minucioso a respeito da conceitualização da *atemporalidade* do inconsciente. Sobre isso, diz Freud (1933[1932]/1976c):

No Id, não existe nada que corresponda à representação de tempo; não há reconhecimento da passagem do tempo, e – coisa muito notável e merecedora de estudo no pensamento filosófico – nenhuma alteração em seus processos mentais é produzida pela passagem do tempo. Impulsos de desejo que nunca saíram do id, mas também impressões que foram enterradas no id pela repressão, são virtualmente imortais, se comportam, durante décadas, como se fossem acontecimentos novos. Só podem ser reconhecidos como pertencentes ao passado, só podem perder sua importância e serem destituídos de seu investimento energético, quando tornados conscientes pelo trabalho analítico, e é nisto que, reside em grande parte o efeito terapêutico do tratamento analítico. (p. 95)

Para nós, o tempo é sempre e apenas um espaço de tempo, um intervalo de tempo mensurável enquanto medida espacial. Falamos em tempo longo ou curto, estabelecemos uma linha de tempo, atribuímos ao tempo uma velocidade no transcorrer que, por ser subjetivamente variável, de fato não existe. Em toda e qualquer circunstância na qual o tempo possa estar envolvido, sua representação, tanto imaginária quanto simbólica, é equivalente à do espaço. Do tempo, nós podemos ter uma noção, mas jamais um conceito ou uma definição.

O transcorrer do tempo é mais bem representado por uma sequência de cenas que se justapõem e, por vezes, se superpõem. Um dos artifícios escolares para o aprendizado, por parte de crianças, do tempo e da causalidade, são cartas com cenas que, se colocadas na ordem correta, descrevem uma ação ou história. Nada impede, no entanto, que possam ser embaralhadas novamente e colocadas em qualquer ordem ou misturadas com outras sequências, exatamente como ocorre em nosso inconsciente.

Nossa única forma de percepção do tempo é através das águas turvas da memória. É somente pela comparação entre o percebido no presente e a memória do passado que podemos ter noção de mudança, de intervalo e de diferença. Nossa memória certamente não é em si linear, mas implica uma representação do tempo a ser ordenado, embora este seja, a cada momento, sujeito a (re)transcrições e (re)significações.

Memória

A origem da palavra “memória” vem do latim *memoria*, de *memor*, “aquele que se lembra”, e cuja raiz é indo-europeia, *men*, que significa “pensar”, de onde surgiu também a palavra “mente” (Origem da palavra, 2023).

Aqui, convido-os a uma reflexão sobre a memória como dialética entre lembrança e esquecimento. A memória, portanto, não deve ser associada, metaforicamente, a um “espaço inerte”, no qual se depositam lembranças, devendo ser compreendida como espaço vivo e simbólico, no qual se lida, de maneira dinâmica e criativa, com as lembranças e com os esquecimentos que fazem parte da nossa identidade subjetiva e que, a partir do tempo, se (re)significam a cada instante.

O dismantelamento da consciência, a saber, o esquecimento, coloca em dúvida visões mais tradicionais de memória. E é com isso que Freud se defronta e, por isso, busca os modos pelos quais a memória se articula no psiquismo. Freud não elaborou nenhum trabalho específico sobre uma teoria psicanalítica da memória, mas suas considerações sobre o tema estão dispersas e atravessam toda a sua obra, tendo sido revisadas e modificadas ao longo de sua vida.

Sabemos que a psicanálise se ocupa da memória e de sua importância, não apenas a partir do “Projeto para uma psicologia científica”, texto no qual Freud (1950[1895]/1996b) especula sobre o mecanismo neuronal da memória, mas, sobretudo, a partir do momento em que ele postula que “os neuróticos sofrem de reminiscências” (Freud, 1896/1976a).

A teoria psicanalítica surge da busca por uma prática que permitisse o acesso das lembranças esquecidas à consciência, para (re)construir a história do sujeito. O recalque estaria ligado a lembranças infantis proibidas e seria responsável pelo esquecimento.

Nos *Estudos sobre a histeria* (Breuer & Freud, 1893-1895/1976), em que Freud procura entender o que provoca o sofrimento da histeria, já se observa que a memória não é uma função autônoma no psiquismo e que a lembrança considerada patógena tem uma relação com o afeto que a provoca. Freud elucida como a memória opera baseada na causalidade psíquica, como produz e organiza a percepção do presente e como o registro das experiências depende do aspecto afetivo.

Com a descoberta das fantasias inconscientes na origem das neuroses, foi necessário aprofundar a concepção de memória e, numa carta a Fliess, em 6 de dezembro de 1896, Freud apresenta sua busca pela construção de um modelo para a memória, como se pode ler a seguir:

o que há de essencialmente novo em minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de uma só vez, mas se repete, de que ela é consignada em diferentes espécies de signos... Não faço a menor ideia de qual seja o número de tais inscrições. (Freud, 1950[1896]/1989, p. 274)

Em 1925, em seu texto sobre o “Bloco mágico”, Freud faz uma analogia deste com o aparelho que constitui a base dos sistemas consciente, pré-consciente e perceptual, sublinhando a concordância entre ele e a estrutura hipotética do aparelho perceptual. Freud se ocupa em delinear o mecanismo da memória. Inicia o texto dizendo que, quando não confiamos em nossa memória, podemos garantir seu funcionamento tomando notas. A folha de papel, onde fazemos as anotações, representa uma parte materializada do nosso aparelho mnêmico, o qual, sob outros aspectos, levamos de forma invisível dentro de cada um de nós. Atualmente, podemos supor que a folha de papel foi substituída por outros recursos tecnológicos, como o celular e o computador, que representam nossa memória.

Mas, voltando a Freud, o bloco mágico é descrito como sendo formado por uma prancha de cera escura por cima da qual se sobrepõe um papel encerado e uma lâmina de celuloide. Assim, os traços escritos podem ser apagados em sua superfície para que novas inscrições sejam inseridas, mas eles permanecem fixos em outra superfície. Nesse modelo, o aparelho mental possui capacidade receptiva ilimitada para novas percepções, registrando seus traços mnêmicos permanentes, embora não inalteráveis (Freud, 1925[1924]/1976b). Conforme esclarece Casanave (*apud* Ferrarini & Magalhães, 2014):

Freud divide a maneira de captação e armazenamento das percepções entre o sistema perceptivo (Pcpt.) e o sistema mnêmico. O sistema Pcpt. recebe os estímulos perceptivos, sendo o responsável por suprir a consciência de toda diversidade das qualidades sensoriais. Já o segundo sistema possui memória e transforma as excitações momentâneas em traços permanentes. A memória é a função que se relaciona com esses traços mnêmicos, que são modificações permanentes dos elementos dos sistemas. Estes são responsáveis por registrar e manter as associações, pois as percepções estão mutuamente ligadas na memória, podendo tornar-se conscientes, mas que produzem seus efeitos quando em estado inconsciente. (p. 112)

Laplanche & Pontalis (1967) descreve o termo “traço mnêmico” como expressão utilizada por Freud, ao longo de sua obra, para designar a forma como os acontecimentos se inscrevem na memória. Os traços mnêmicos são depositados em diversos sistemas; subsistem de forma permanente, mas só são reativados depois de investidos.

O aparelho psíquico é, portanto, constituído de traços mnêmicos, onde a memória pode ser entendida como um texto a ser decifrado, fruto de uma escrita que se faz na condição de reminiscência (Farias, 2008). O conjunto de

traços mnêmicos seria, portanto, o lugar de nossa imortalidade, legado que oferecemos para nossos descendentes nas histórias que contamos, nos hábitos que tivemos e nas lembranças que deixamos como herança. É essa memória imortal que se perpetua na linguagem na forma da língua que falamos, e que está impregnada pelas culturas que compartilhamos.

Ainda nessa reflexão sobre a memória e o esquecimento, Freud (1914/1996a) acrescenta um novo elemento ao binômio lembrar-esquecer: o papel do analista e da transferência. Nele, as recordações e os esquecimentos passam a ser a matéria-prima do tratamento psicanalítico. A transferência tem papel fundamental, uma vez que ela é um fragmento da repetição, e sua possibilidade está também veiculada à repetição. É matéria determinante, pois o tratamento só acontecerá por conta da própria repetição.

A transferência então cria uma região intermediária entre o sintoma e a vida real, através da qual a transição de uma para a outra é efetuada. A partir das reações repetidas, exibidas pela transferência, o sujeito é levado, ao longo dos caminhos familiares, até o despertar das lembranças, que aparecem com pouca dificuldade, após a resistência ter sido superada. E esse primeiro passo para superar tal resistência e poder integrar as lembranças esquecidas à história do sujeito é dado na relação terapêutica.

Considerações finais

Desde a antiguidade, almejamos vencer o tempo, o sonho da imortalidade sempre nos perseguiu e nos moveu. Na atualidade, o advento da internet nos possibilitou estarmos conectados com o mundo. Um evento que aconteça do outro lado do mundo pode ser visualizado em nossos celulares, ao vivo e em cores, em tempo real. Esse excesso e essa diversidade de informações, que ocorrem simultaneamente, muitas vezes podem vir a causar fragmentação de nossa identidade.

Neste trabalho, ressaltai a importância da memória como espaço vivo e simbólico, no qual se lida, de maneira dinâmica e criativa, com as lembranças e com os esquecimentos que fazem parte da nossa identidade subjetiva e que, a partir do tempo, se (re)significam a cada instante.

Como vimos na narrativa dos mitos de Cronos e Mnemosine, tempo e memória caminham de mãos dadas. A nossa única forma de percepção do tempo é através da memória. Sabemos que há vários tipos de memória e que o papel dela é mais do que reviver o passado.

Algumas lembranças duram apenas alguns segundos ou minutos, outras podem durar muitos anos. Normalmente, quanto mais breve a memória, menos retemos dela ou, dito de outra forma, mais sujeita ela fica ao esquecimento. E, quando nos referimos ao início de nossas vidas, prevalece a chamada memória sensorial, que é tão fugaz quanto a água que escorre pelas mãos. O não lembrar desse processo é condição necessária para a formação de nosso mundo sensorial, que sempre será um constructo, assim como o tempo.

O processo analítico não consiste simplesmente na recuperação de uma lembrança passada, mas na oportunidade do infantil se instituir como uma memória viva do sujeito a partir da possibilidade de (re)significar o seu passado.

Para a criação de um passado (re)significado, precisamos “esquecer” e desaparecer das persistentes memórias que retemos como muralhas de uma cômoda e confortável prisão. As memórias vinculadas à repetição e à formação sintomática devem ser revisadas e, se possível, abandonadas. O não recorrer a uma memória é, certamente, uma das formas do esquecimento. É preciso, portanto, que criemos um espaço vazio de memórias, um bloco mágico a ser preenchido, nos confrontarmos com o não saber, num tempo livre de amarras, possibilitando viver num presente eterno e mutante.

Assim como o esquecimento é necessário à memória, esse tempo que surge a partir do contato com o vazio e a estranheza é fundamental para que surja a centelha da criação e da vida. O futuro, tempo vindouro, não existe. É o presente misturado ao passado que nos torna capaz de (re)construí-lo e, junto com ele, nossas memórias, nossa história, e o que não conseguiremos lembrar.

The time of memory and forgetfulness

ABSTRACT: *In this work, we propose a reflection on the construct of time, its relationship with memory and with the binomial oblivion and remembrance from a psychoanalytical approach. We know that these questions concern practically the entire theoretical body of psychoanalysis and it is not our objective to cover it, because, in addition to being a very ambitious task, it would go beyond the scope of this work. Our proposal, therefore, it is to outline these concepts and give greater attention to the question that, for psychoanalytic theory and practice, roughly speaking, and for the constitution of the subject, in particular, it is not just important what we remember. It is fundamental what we forget.*

KEYWORDS: *memory; forgetfulness; time; psychoanalysis.*

El tiempo de la memoria y del olvido

RESUMEN: *En este trabajo proponemos una reflexión sobre el constructo tiempo, su relación con la memoria y con el binomio olvido y recuerdo desde un enfoque psicoanalítico. Es sabido que estas cuestiones atañen prácticamente a todo el cuerpo teórico del psicoanálisis y no es nuestro objetivo abarcarlas, ya que, además de ser una tarea muy ambiciosa, rebasaría los alcances de este trabajo. Nuestra propuesta, por lo tanto, es esbozar estos conceptos y dar mayor atención a la cuestión de que, para la teoría y la práctica psicoanalíticas, en términos generales, y para la constitución del sujeto, en particular, no sólo es importante lo que recordamos. Es fundamental lo que olvidamos.*

PALABRAS CLAVE: *memoria; olvido; tiempo; psicoanálisis.*

Referências

- Agostinho, A. (Santo Agostinho). (2004). *Confissões*. Nova Cultural.
- Breuer, J. & Freud, S. (1976). Estudos sobre a histeria. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: Vol. II. Imago. (Trabalho original publicado entre 1893 e 1895).
- Farias, F. R. (2008). Pensando a memória social a partir da noção de “a posteriori” de Sigmund Freud. *Revista Morpheus – Estudos Interdisciplinares em Memória Social*, 7(13).
- Ferrarini, P. & Magalhães, L. O conceito de memória na obra freudiana: breves explicações. *Revista Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, v. 5, n.1, p. 109-118, jun. 2014.
- Freud, S. (1969). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: Vol. XII. Imago. (Trabalho original publicado em 1911).
- Freud, S. (1976a). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar. In J. Breuer & S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: Vol. II. Imago. (Trabalho original publicado em 1896).
- Freud, S. (1976b). Uma nota sobre o “bloco mágico”. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: Vol. XIX. Imago. (Trabalho original escrito em 1924 e publicado em 1925).
- Freud, S. (1976c). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise: XXXI A dissecação da personalidade psíquica. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: Vol. XXII. Imago. (Trabalho original escrito em 1932 e publicado em 1933).
- Freud, S. (1989). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess: Carta 52 (6 de dezembro de 1896). In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: Vol. I. Imago. (Trabalho original escrito em 1896 e publicado em 1950).

Maria Esther Mihich

- Freud, S. (1996a). Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: Vol. XII. Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1996b). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: Vol. I. Imago. (Trabalho original escrito em 1895 e publicado em 1950).
- Gondar, J. (1996). A multiplicidade de tempos na metapsicologia. In C. S. Katz (Org.), *Temporalidade e psicanálise*. Vozes.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1967). *Vocabulário da psicanálise*. Martins Fontes.
- Origem da palavra. (2023). Memória. Recuperado de <https://origemdapalavra.com.br/pergunta/memoria/>

Recebido: 31/03/2023

Aceito: 13/06/2023

Maria Esther Mihich

mariaesthermihich@gmail.com